

PEQUENO GUIA DA BOTÂNICA MODERNISTA

A GUIDE BOOK OF MODERNIST BOTANY

Ana Carolina Carmona Ribeiro

realização



| Secretaria de Cultura e Economia Criativa

PREFÁCIO

Vladimir Bartalini

As livrarias e lojas virtuais têm oferecido, de uns tempos para cá, vários guias e manuais sobre plantas e seu cultivo em jardins. Informações a esse respeito também ressobram na internet. O interesse pelo assunto é fenômeno relativamente recente no Brasil, embora não inédito, a não ser por sua extensão, já que hoje ele abrange pessoas com as mais diversas inserções sociais, culturais, profissionais, de gênero e de idade.

De fato, a divulgação do conhecimento sobre as plantas neste país, para além do círculo dos cientistas e dos poucos aficionados, esteve limitada, até recentemente, a algumas iniciativas, muito díspares por sinal, que se pode contar nos dedos. Em 1926, o Ministério da Agricultura publicou os seis volumes do *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas*, obra monumental organizada pelo pesquisador português Manoel Pio Corrêa, que agregava informações de toda ordem, desde as mais especializadas, obrigando o leigo ao uso de um glossário de termos, até curiosidades sobre crenças e simpatias envolvendo tal ou qual vegetal, além da sua utilidade como fármaco ou alimento, ou sua aplicação na indústria e na agricultura.

Para ficar apenas no que vem imediatamente à memória, na década seguinte, e num outro extremo do espectro, a Biblioteca Agrícola Popular Brasileira, pela Editora Chácaras e Quintais, lançou várias brochuras, no geral com poucas dezenas de páginas, dedicadas à floricultura brasileira e também à “criação e outros assuntos”. Ali se encontravam dados bastante práticos sobre o cultivo da canela da Índia, do cravo, da noz moscada, mas também sobre plantas aquáticas

e aquários, cactáceas, plantas ornamentais como cravos, crisântemos e margaridas, dalias, rosas, lírios e amarílis, tinhorões, etc.

Em meados da década de 1960, a Editora Melhoramentos publicou *Jardinagem*, de Harry Blossfeld, botânico alemão radicado no Brasil. O livro de Blossfeld era ferramenta indispensável nos escritórios de paisagistas e nas repartições públicas afeitas às áreas verdes, já que reunia os importantes conhecimentos científicos e práticos do seu autor, guiando os jovens arquitetos que saíam das faculdades praticamente sem qualquer conhecimento sobre as plantas que especificavam em seus projetos. Só mais tarde vieram as enciclopédias de plantas, gigantescas, bem sistematizadas e fartamente ilustradas, como a *Exotica* e a *Tropica*, importadas e caras, no mais das vezes restritas a instituições.

Entre as décadas de 60 e 80, o agrônomo Hermes Moreira de Souza, de passagem marcante pela seção de floricultura do Instituto Agrônomo de Campinas, assinou uma página especial no suplemento agrícola semanal do jornal *O Estado de São Paulo*. Ali respondia a perguntas dos leitores ao mesmo tempo em que divulgava espécies vegetais que cultivava, muitas delas desconhecidas do grande público. A partir da década de 90, doutor Hermes, como era conhecido, ainda assinou livros como *Plantas Ornamentais no Brasil* e *Palmeiras no Brasil: nativas e exóticas*, em coautoria com Harri Lorenzi, atual expoente na publicação de compêndios, muito bem sucedidos e amplamente conhecidos, dedicados às plantas e à sua aplicação em paisagismo.

Embora esse elenco de casos ilustre a prévia existência e a crescente expansão do interesse por publicações sobre plantas e os modos de tratá-las entre nós, o foco ainda está centrado num conhecimento que se poderia chamar de “positivo” a respeito do vegetal, fundamentado seja na ciência botânica, seja nas observações empíricas das práticas de cultivo.

Mas se a palavra cultura, como é sabido, proveio, originalmente, do cultivo de plantas, ela passou a incorporar um significado ainda mais amplo, uma dimensão propriamente cultural ou mais especificamente artístico-literária, o que não quer dizer, de forma alguma, que ela dispense o conhecimento prático e científico.

É justamente nessa linha que se inscreve este *Pequeno guia da botânica modernista*, de Ana Carolina Carmona Ribeiro. O nome *botânica modernista* não veio ao

acaso. Trata-se, de certo modo, de ciência botânica, sim, só que modernista, o que, no caso brasileiro, ganha contornos especiais. Flávio Motta já evidenciara, no estudo que integra o livro *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*, a importância da arte moderna no processo de emancipação de um país de origem colonial, como o Brasil, que foi espoliado pelo extrativismo e pela monocultura de exportação. A valorização da flora nativa no paisagismo tratou de superar os traumas causados pela concupiscência do explorador: a planta já não mais como mercadoria, não mais servil a um fim alheio a ela, a planta que vale por si, numa auspiciosa aliança entre arte e ciência. De fato, Burle Marx, artista e também cientista, sempre se cercou de botânicos, tendo elaborado projetos “com especificações que constituem, ainda hoje, uma lição sobre as relações entre a experiência científica e as aspirações artísticas.”

Não só o paisagismo, mas também a pintura, a literatura, a poesia e o pensamento modernistas foram nessa direção, o que não exclui divergências de posição, por vezes profundas, entre seus arautos. Este guia põe em evidência a complexidade, e mesmo as contradições dos sentidos atribuídos à vegetação por parte de artistas e escritores que se propuseram interpretar, quando não inventar, o Brasil que se modernizava.

Ana Carolina mostra, através de exemplos colhidos na pintura e na literatura, que a presença da vegetação tropical na obra dos maiores artistas e escritores, longe de denotar um exotismo facilmente consumível, despertava as antíteses em jogo no esforço de modernização do país. Mostra também que o elenco de espécies vegetais de que escritores e artistas lançavam mão não se reduzia a um ou dois ícones da tropicalidade. Envolveria uma verdadeira devoção pelo conhecimento da nossa flora, uma curiosidade sincera que levava alguns dos expoentes modernistas a se aprofundarem nas características botânicas e nos saberes populares relativos a um número surpreendentemente grande de plantas.

Este *Pequeno guia da botânica modernista* não se restringe, porém, aos vegetais autóctones. Além deles, estão presentes espécies introduzidas no decorrer da nossa história, sobretudo a partir do maior comprometimento do país na economia mundial, como o café e o eucalipto, mas também a agave e o plátano.

O critério de seleção das plantas que compõem neste guia parece claro: interessam aquelas capazes de gerar tensão, aquelas que melhor representam o que

estava em jogo na sociedade e na cultura, em sentido amplo, naquele momento histórico. A bananeira e o abacaxi, símbolos da tropicalidade e das mercadorias de exportação, movimentam questões sobre o local e o universal, sobre a sensualidade e o abuso, a natureza viva e a natureza morta, Eros e Thanatos. O café, símbolo da modernização, se era louvado por certos artistas mais próximos às elites, estava, simetricamente, sob a mira crítica de outros que viam nele um fator das desigualdades sociais, do desaparecimento dos vestígios da história, do esgotamento do solo. O eucalipto, introduzido no início do século XX para fins produtivos, era tanto o herói do fornecimento de matéria prima para o funcionamento da rede ferroviária que drenava a produção do campo, como o vilão devorador da fertilidade das terras e destruidor das nossas matas.

A listagem não se limita às plantas mais emblemáticas. Contempla também as “enfeitadas”, as “caipiras”, as “plantas boas”, deixadas no anonimato cotidiano, como a embaúba, o mamoeiro, o milho, “próprias de um Brasil indígena, negro, caboclo, profundo e belo”, nas palavras da autora. E também entram as “plantas más”, como a tiririca, tida por Paulo Prado como “o martírio do café”. Não é sem ironia que Ana Carolina encerra o verbete “tiririca” com a notícia de que hoje se extrai dela um hormônio que estimula o crescimento das raízes... do café!

As informações instigantes, saborosas e por vezes contundentes contidas no corpo do texto se prolongam nas ilustrações e nas referências, denotando o empenho e o cuidado de uma verdadeira pesquisadora. Tudo isto faz da excursão botânica proposta por Ana Carolina uma experiência enriquecedora e prazerosa, ainda mais tendo por guias Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Cândido Portinari, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Blaise Cendrars, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Flávio de Carvalho, Mina Klabin...

Bom passeio!

APRESENTAÇÃO

Este não é um guia botânico convencional. Apesar de contar com uma lista de espécies, nomes científicos em latim e usar palavras como “morfologia”, “ocorência” e outros termos especializados, o que pretendemos é mostrar que, além da ciência, a arte com suas múltiplas formas e manifestações também pode ser uma forma de conhecimento e de reflexão sobre a flora e, mais amplamente, sobre a própria realidade. A visita a um museu, a leitura de um poema ou a realização de um desenho podem revelar coisas que nem imaginávamos sobre a vegetação. Este livro, portanto, propõe-se a estabelecer diálogos entre a botânica, a ecologia, o paisagismo, a arte e a literatura, proporcionando a um público amplo a possibilidade de se aproximar das plantas a partir do campo da linguagem.

A ideia do guia surgiu durante a realização do meu doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em que estudei a representação das espécies vegetais no modernismo paulista das décadas de 1920 e 30, com o objetivo de esclarecer a importância da vegetação e categorias afins – como natureza e paisagem – na construção de uma identidade nacional e moderna para o Brasil. Ao analisar obras de artistas como Lasar Segall, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Flávio de Carvalho, Mina Klabin Warchavchik, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Blaise Cendrars e Paulo Prado em sua interlocução com obras de autores considerados pré-modernistas, como Monteiro Lobato, e de artistas não expressamente identificados com o movimento paulista, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Roberto Burle Marx, percebemos que, articulando um conjunto significativo de plantas,

elas criam novos “símbolos vegetais” e apontam para novas relações entre natureza e cultura. Surgiu assim a expressão “botânica modernista”, que continuamos a empregar aqui.

Além dos estudos teóricos e da análise comparativa das obras, a pesquisa envolveu um extenso levantamento “pictórico-literário” de espécies vegetais. Nesse levantamento, tal qual um botânico que vai a campo coletar espécies e volta com a sacola cheia, descobrimos que, surpreendentemente, esses artistas e escritores fazem menção a mais de 200 plantas. Destas, ao menos 70 aparecem mais de uma vez nas obras dos modernistas. Algumas famílias ou espécies estão representadas dezenas de vezes, enquanto outras, apesar de serem raramente mencionadas, se destacam como tema principal de ensaios (como as palmeiras, os cactos, a bananeira e o café), poemas (como a vitória-régia, o pau-brasil e o mamoeiro) e desenhos.

Foi assim que escolhemos as 19 espécies aqui elencadas. Não são apenas plantas nativas, como seria de se esperar, mas também plantas exóticas naturalizadas brasileiras: espécies do mundo todo (africanas, asiáticas, australianas), que, como ferrovias, automóveis e arranha-céus, passam a delinear nossa modernidade; espécies do México e da América Central, que falam da busca modernista pelas raízes latino-americanas e ancestrais do Brasil, anteriores à colonização; plantas nobres, que servem para *embelezar* a grande cidade; plantas humildes (carinhosamente chamadas de “plantinhas” ou “plantas boas”), que alimentam a gente da roça ou da floresta; e até mesmo plantas que, normalmente desprezadas e taxadas de “mato”, passam no modernismo a explicitar a uma dimensão intensa e conflituosa da relação homem-natureza. Nessa lista figuram árvores, ervas, folhagens e arbustos variadíssimos, que brotam na selva, nas plantações e nos jardins, no solo seco e à beira das lagoas, uns associando-se à volúpia, à exploração e ao desejo de dominação e controle, outros à fertilidade e à capacidade de resistência.

Muitas outras plantas poderiam ter sido incluídas, mas então teríamos uma espécie de enciclopédia e não um pequeno guia botânico-artístico, incorrendo no risco de perder de vista o caráter de síntese deste trabalho e acabar cansando o leitor. Em conjunto, essas 19 espécies demonstram como o primeiro modernismo deu continuidade à tradição artístico-literária nacional ao reiterar a

centralidade da natureza no “redescobrimto” do Brasil. São, ao mesmo tempo, elementos importantes para as proposições da arte moderna, trazendo, de um lado, aproximações com os ideais de “progresso” e modernização capitalista e, de outro, com a perspectiva do colonizado, do oprimido, do popular, do feminino, enfim, dos muitos elementos até hoje conflituosos e recalcados da sociedade brasileira.

Com este guia – que, aliás, é lançado na véspera dos 100 anos da Semana de 22 – esperamos contribuir para que os interessados em plantas possam se encontrar com os artistas, os botânicos com os interessados em arte, os estudantes com os especialistas, e assim por diante. Que ninguém se sinta obrigado a ler tudo, nem a seguir ordens alfabéticas ou outras ordens. E que a proposta gráfica de livro-que-quer-ir-além-do-livro (com seus encartes-cartazes e misturas de imagens tão diversas quanto científicas exsicatas, inexatas pinturas, precisos poemas e apagadas fotografias) seja mais um estímulo para que cada planta possa ser lida, entendida, vista e sentida em toda a sua complexidade. E para que cada planta possa até mesmo ser reinventada por cada um, trazendo à tona as possibilidades das coisas que são da natureza e da arte.

Ana Carolina Carmona Ribeiro
São Paulo, junho de 2020